



KnoWhy #31

Fevereiro 8, 2017



Os antigos israelitas construíram templos fora de Jerusalém?

“E eu, Néfi, construí um templo.”
2 Néfi 5:16

O conhecimento

Algum tempo depois de sua chegada ao Novo Mundo, Néfi e seus seguidores se separaram dos lamanitas e estabeleceram uma pequena comunidade de fiéis (2 Néfi 5:5–15). O Livro de Mórmon menciona que, naquela época, Néfi construiu um templo. “E eu, Néfi, construí um templo; e construí-o conforme o modelo do templo de Salomão, só não tendo sido construído com tantas coisas preciosas, porque elas não existiam naquela terra; portanto, não podia ele ser construído como o templo de Salomão. O tipo de sua construção, porém, era igual ao do templo de Salomão; e sua execução era consideravelmente esmerada” (2 Néfi 5:16).

Alguns questionam se a construção de um templo fora de Jerusalém seria apropriado para israelitas devotos que seguiam a lei de Moisés. Pelo menos três antagonistas diferentes do Livro de Mórmon durante a vida de Joseph Smith imediatamente atacaram o registro nefita por supostamente violar a lei bíblica, insistindo que era proibido construir qualquer templo fora de Jerusalém. Outros também questionam como seria logisticamente possível para um pequeno grupo de nefitas construir um templo “à maneira de Salomão”, uma obra de grande escala que levou anos de trabalho intenso para ser construída.



Embora não fosse conhecido nos dias de Joseph Smith, a pesquisa arqueológica descobriu que os antigos israelitas, de fato, construíram templos “segundo o padrão de Salomão”, fora de Jerusalém e até mesmo, fora do território de Israel. De acordo com William J. Hamblin e David Rolph Seely, “arqueólogos descobriram evidências de pelo menos quatro templos israelitas não mencionados na Bíblia que floresceram durante [o período anterior a Leí].” Esses templos foram encontrados em Megido, Arad, Laquis e Berseba.

A respeito do templo de Arad, por exemplo, Philip J. King e Lawrence E. Stager escreveram: “O templo [é] dedicado ao Deus de Israel” e consiste em uma estrutura tripartida com “um pátio, salão principal e Lugar Santíssimo”, assim como o templo de Salomão. Embora o templo de Arad não fosse exatamente como o templo de Salomão (é do tipo “sala ampla” em oposição à “sala longa” do templo de Jerusalém), compartilhava semelhanças suficientes em termos de arquitetura e função para ser inconfundível como um autêntico templo israelita, completo com sua própria equipe de sacerdotes administrativos.

Além disso, a própria Bíblia “descreve pelo menos onze edifícios que podem ser identificados como santuários dedicados à obra de Jeová”, como Hamblin e Seely demonstraram claramente. Sua lista inclui lugares sagrados em “Siló, Dã, Betel, Gilgal, Mispá, Hebrom, Belém, Nobe, Efraim, Ofra e Gibeá” Assim, além dos templos atuais, os antigos israelitas evidentemente não hesitavam a construir modelos menores fora de Jerusalém, para adorar ao Senhor.

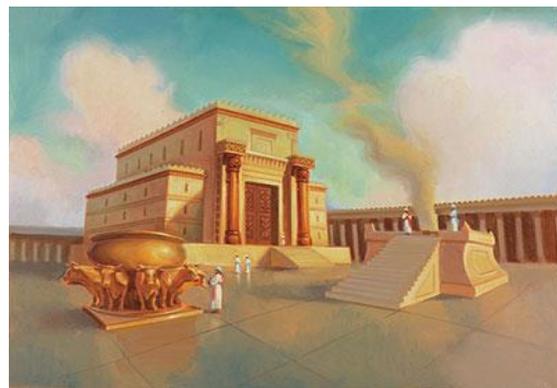
Mas, talvez o exemplo mais famoso, e, para o Livro de Mórmon, o mais importante, de um antigo templo

israelita construído fora de Jerusalém foi aquele que os refugiados judeus construíram na ilha de Elefantina, no Egito. Como confirmado por um conjunto de cartas escritas por judeus que viviam na ilha para funcionários em Judá, a comunidade havia sido saqueada por egípcios pagãos e os líderes locais buscavam reparação. “[Uma] coluna muito fragmentada [em um dos papiros] refere-se a sacrifícios no templo e inclui três petições, aparentemente para a proteção e reconstrução do templo”, conforme relatado por um importante pesquisador judeu, Bezalel Porten.

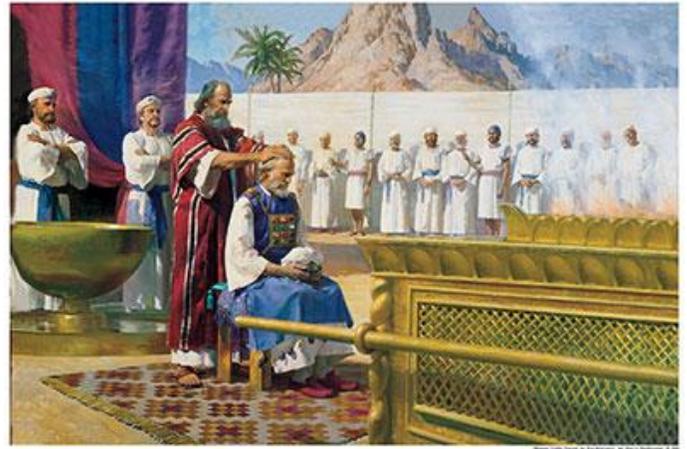


Ainda outra carta nessa coleção refere-se explicitamente ao templo (e às ordenanças sacrificiais que ocorreram lá) várias vezes, e “vestígios do mesmo templo podem ter sido descobertos em escavações recentes”.⁷ Embora o templo de Elefantina anteceda a partida de Leí de Jerusalém em cerca de dois séculos, é uma forte evidência de que os antigos judeus não se opunham à construção de santuários fora do território de Israel, quando necessário.

O porquê



Evidências de antigos israelitas construindo templos fora de Jerusalém indicam que Néfi não quebrou o costume estabelecido de construir um templo no Novo Mundo. Néfi foi, sem dúvida, bem instruído nas escrituras e práticas religiosas de sua época e sabia da importância de ter as bênçãos do templo em sua vida e na vida de seus seguidores. Seguindo um precedente indiscutível, ele manteve a continuidade com sua herança israelita construindo um templo onde ele e seu pequeno grupo de seguidores poderiam concentrar seu amor, dedicação, sacrifícios e obediência a Deus.



As evidências de Elefantina apoiam a veracidade do relato do Livro de Mórmon de que os israelitas refugiados construíram templos fora da terra de Israel. Após a destruição do templo de Salomão, alguns judeus no Egito construíram um pequeno templo para continuar as práticas religiosas da comunidade, assim como os nefitas fizeram, conforme registrado no Livro de Mórmon.

Como Hugh Nibley explicou: “A descoberta dos documentos de Elefantina em 1925 mostrou que as colônias judaicas realmente fugiram para o deserto da mesma maneira que Leí, durante sua vida, e pelas mesmas razões; eles chegaram à sua nova casa longe do Nilo, eles começaram a construir uma réplica do Templo de Salomão, exatamente como Leí fez ao desembarcar no novo mundo”. Falando dos nefitas, Nibley resumiu em outro lugar “em todas essas coisas eles estavam simplesmente seguindo o que foi estabelecido sem quebrar nenhuma lei do passado”.

Os judeus justos da antiguidade eram construtores de templos. Eles construíram um tabernáculo no deserto, como o Senhor ordenou que fizessem. Querendo manter a presença do Senhor como o centro de suas vidas e em sua comunidade, os israelitas observantes carregaram esse precursor do templo com eles enquanto caminhavam por quarenta anos no deserto e até mesmo muito tempo depois de se tornarem acentuados em sua terra prometida. Uma vez que o tempo permitiu, Salomão construiu um templo permanente em Jerusalém. Da mesma forma, Néfi e seu povo seguiram seu caminho para a devoção consagrada assim que chegaram à terra da promessa dada a eles pelo Senhor seu Deus.

Leitura complementar

Brant Gardner, *Second Witness: Analytical and Contextual Commentary on the Book of Mormon* (Salt Lake City: Greg Kofford Books, 2007), 2: pp. 101–104.

William J. Hamblin e David Rolph Seely, *Solomon’s Temple: Myth and History* (London: Thames and Hudson, 2007), p. 33–36.

Jared W. Ludlow, “A Tale of Three Communities: Jerusalem, Elephantine, and Lehi-Nephi,” *Journal of Book of Mormon Studies* 16, no. 2 (2007): pp. 28–41, 95.



© Central do Livro de Mórmon, 2017

Notas de rodapé

1. “[O Livro de Mórmon] representa a continuação da adoração no templo em sua nova terra prometida, contrariando todos os preceitos da Lei, e o povo de Néfi foi tão feliz que nunca derramou uma lágrima sequer em razão da separação, nem voltou os olhos para Jerusalém ou para o templo de Deus”. Alexander Campbell, “Delusions”, *Millennial Harbinger* 2, no. 2 (7 February 1831): p. 92. “[O Livro de Mórmon] representa o serviço de um templo nesta terra, contrariando todos os preceitos da lei divina dados aos judeus na Bíblia”. “Mormonism”, *New York Weekly Messenger and Young Men’s Advocate* (29 April 1835). “[O Livro de Mórmon] mostra indígenas norte-americanos . (...) a construir templos a oito mil quilômetros de Jerusalém, onde somente os judeus deveriam adorar, como [também] a oferecer sacrifícios e desempenhar todas as funções do Sacerdócio de modo aceitável ao Senhor, e ainda a exortar mutualmente a guardar a lei de Moisés”. James H. Hunt, *Mormonism: Embracing the Origin, Rise and Progress of the Sect, with an Examination of the Book of Mormon; Also, Their Troubles in Missouri, and Final Expulsion from the State* (St. Louis: Ustick & Davies, 1844), p. 86.
2. Ver, por exemplo, o argumento apresentado por B. H. Roberts, *Studies in the Book of Mormon*, 2nd ed., ed. Brigham D. Madsen (Salt Lake City, UT: Signature Books, 1992), pp. 259–261. Brant Gardner e Mark Wright responderam a essa preocupação apontando que os templos nefitas poderiam ter sido “semelhantes a Salomão”

em função cósmica, ritual e talvez, no projeto arquitetônico básico (embora os templos nefitas posteriores tivessem certamente adotado e seguido padrões de templos mesoamericanos), não necessariamente em escala e grandeza, ao que reconhecem ser praticamente impossível para uma pequena colônia nefita replicar. Ver Brant Gardner, *Second Witness: Analytical and Contextual Commentary on the Book of Mormon* (Salt Lake City: Greg Kofford Books, 2007), 2: pp. 101–104; Mark Alan Wright, “Axes Mundi: Ritual Complexes in Mesoamerica and the Book of Mormon”, *Interpreter: A Journal of Mormon Scripture* 12 (2014): pp. 81–82.

3. William J. Hamblin and David Rolph Seely, *Solomon’s Temple: Myth and History* (London: Thames and Hudson, 2007), p. 33.
4. Philip J. King and Lawrence E. Stager, *Life in Biblical Israel* (Louisville, Kentucky: Westminster John Knox Press, 2001), p. 338; William G. Dever, *What Did the Biblical Writers Know And When Did They Know It?* (Grand Rapids, Mich.: William B. Eerdmans Publishing, 2001), p. 181. “Várias famílias sacerdotais em Arad, com nomes idênticos às famílias na Bíblia, são de fato conhecidas do ostraka, ou cerâmica inscrita, que também menciona a ‘casa/templo de Jeová’.”
5. Hamblin and Seely, *Solomon’s Temple*, p. 33.
6. Bezalel Porten, “Petition for Reconstruction of Temple(?) (Rascunho)”, em *The Context of Scripture, Volume III: Archival Documents from the Biblical World*, ed. William W. Hallo (Leiden/Boston: Brill, 2003), p. 123.
7. Porten, “Request for Letter of Recommendation (First Draft), in *The Context of Scripture, Volume III*, p. 125.
8. Hugh Nibley, “Two Shots in the Dark”, in *Book of Mormon Authorship: New Light on Ancient Origins*, ed. Noel B. Reynolds (Provo, UT: Religious Studies Center, Brigham Young University, 1982), p. 108.
9. Hugh Nibley, *An Approach to the Book of Mormon, The Collected Works of Hugh Nibley: Volume 6* (Provo, UT: FARMS, 1988), p. 160. See also Hugh Nibley, *Teachings of the Book of Mormon: Semester 1* (Provo, UT: FARMS, 1993), pp. 285–86.